

# A estética da política: reflexões sobre as manifestações políticas de rua no espaço contemporâneo da arte

*The aesthetic of politics: reflections on political street demonstrations within contemporary art*

*La estética de la política: reflexiones sobre las manifestaciones políticas de la calle en el espacio contemporáneo del arte*

Miguel Antonio Cotrim<sup>1</sup>



Paulo Fernando de Almeida Souza<sup>2</sup>



<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, [mcotrim@ufba.br](mailto:mcotrim@ufba.br)

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, [paulosouza@ufba.br](mailto:paulosouza@ufba.br)

## Resumo

Este artigo busca refletir sobre aspectos estéticos e artísticos das manifestações populares de rua, de cunho político, ocorridas no Brasil a partir de 2013, focando nas relações estabelecidas com o espaço urbano e suas múltiplas ações artísticas. Desde a linguagem visual, os elementos simbólicos, as cores, as relações com o tempo e o espaço, a interferência efêmera no cenário urbano, a desconstrução provocada no cotidiano até o registro de imagens daquelas manifestações. O artigo é escrito sob a ótica da pesquisa exploratória, de natureza analítica e explicativa, avaliando a existência de uma conexão entre a expressão estética dessas manifestações políticas e a arte contemporânea.

**Palavras-chave:** Manifestações políticas. Estética. Arte contemporânea.

## Abstract

*This paper aims in reflecting on aesthetic and artistic aspects of the political street demonstrations taking place in Brazil since 2013, focusing on relationships between such demonstrations and the urban space, its multiple artistic manifestations, the visual language, the symbolic elements, the colors, the relations*

*with time and space, the ephemeral interference on the urban setting, the way it deconstructs daily life, and the visual records of these demonstrations. It is written under the exploratory research approach, with an analytical and explanatory nature. It evaluates the existence of a link between the artistic expressions of political demonstrations and the contemporary art.*

**Keywords:** *Political demonstrations. Aesthetics. Contemporary art.*

### **Resumen**

*Este artículo busca reflexionar sobre aspectos estéticos y artísticos de las manifestaciones populares de la calle, de cuño político, ocurridas en Brasil a partir de 2013, enfocando las relaciones establecidas con el espacio urbano, sus múltiples acciones artísticas, el lenguaje visual, los elementos simbólicos, los colores, las relaciones con el tiempo y el espacio, la interferencia efímera en el escenario urbano, la deconstrucción provocada en el cotidiano y el registro de imágenes de aquellas manifestaciones. Este artículo se escribe bajo la óptica de la investigación exploratoria, de naturaleza analítica y explicativa. Evalúa la existencia de una conexión entre la expresión estética de esas manifestaciones políticas y el arte contemporáneo.*

**Palabras clave:** *Manifestaciones políticas. Estética. Arte contemporáneo.*

## **Introdução**

Muitas são as razões apontadas por cientistas políticos, sociólogos e analistas para explicar as manifestações políticas que ocorreram nos últimos anos no Brasil, cujo estopim foi a mobilização contra o aumento das passagens do transporte público na cidade de São Paulo, capitaneada pelo Movimento Passe Livre (MPL), em junho de 2013. Como coloca Rolnik (2013, p. 8):

[...] podemos pensar essas manifestações como um terremoto [...], que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem benfazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos.

Porém, não é a discussão das razões políticas que geraram os protestos ou os resultados políticos imediatos que nos interessa abordar neste artigo. O foco do nosso interesse está nos aspectos estéticos e artísticos que se produzem nessas manifestações,

independente do matiz político-ideológico de cada uma, e que podem ser vistas como expressões artísticas contemporâneas.

Nossa análise abrange a relação que essas manifestações estabelecem com o espaço urbano e suas construções simbólicas, o aspecto inclusivo e as múltiplas ações artísticas ocorridas no interior das grandes manifestações políticas de rua, assim como o registro imagético dessas e suas conexões com os diversos tipos de representações artísticas da contemporaneidade. Nesse sentido buscamos encontrar as aproximações e as possíveis interseções existentes entre as expressões estéticas e artísticas presentes nas manifestações políticas de rua e as diferentes expressões artísticas contemporâneas.

A estetização da política, fenômeno em que as manifestações de rua são vistas como sua face mais evidente, parece ser uma resposta da política ao movimento de estetização da vida a que se referem Lipovetsky e Serroy (2015) quando afirmam que vivemos na era do “capitalismo artista”, no qual o cotidiano é estetizado com o objetivo de controlar a sociedade e manter o sistema dominante. Nessa acepção, consideramos a possibilidade de encontrar, nas manifestações políticas de rua a expressão de uma “política artista”.

Ao utilizar linguagens artísticas que potencializam a objetividade e a subjetividade do discurso político, as manifestações de rua dão forma simbólica e estética a esse conteúdo, criando empatia com o público e possibilitando aos fruidores a interpretação dos conteúdos políticos de forma lúdica. Nesse caminho, buscamos traçar paralelos entre os variados modos de expressão artística contemporânea e as expressões estéticas existentes nas manifestações políticas de rua, para encontrar elementos que os aproximem assim como elementos teóricos que deem sustentação ao nosso propósito.

Por fim, nossa reflexão se dá no sentido de encontrar, nas interseções e paralelos existentes entre as expressões artísticas contemporâneas e as expressões estéticas das manifestações políticas de rua, resultantes do processo de estetização da política, respostas sobre se, de alguma maneira, seria possível observar essas manifestações políticas como parte do cenário da arte contemporânea.

### **As grandes manifestações de rua de cunho político ocorridas no Brasil a partir de junho de 2013 e a sua relação com o espaço urbano**

As cidades são estruturas criadas pelas sociedades em que, por meio da arquitetura e do urbanismo, as classes dominantes expressam seus valores, seus interesses e seu poder. O domínio exercido sobre a sociedade se expressa esteticamente por meio

de edificações que criam e institucionalizam no espaço urbano os símbolos de poder – econômico e político. Esse espaço urbano não é neutro, sua estética é construída de maneira a representar o pensamento dos setores dominantes da sociedade e serve como estrutura de controle. Ao analisar as cidades e sua relação com as sociedades, Cortés (2008, p. 28) afirma que suas estruturas espaciais “expressam os interesses dos setores sociais dominantes e as relações de poder estabelecidas em uma sociedade específica em uma época concreta” e que, “a configuração das estruturas urbanas é, portanto, a expressão de uma dominação institucionalizada”.

A sociedade é consciente da simbologia dos espaços urbanos e do que ela representa. E é por ter essa consciência que as manifestações políticas de rua são, de maneira geral, convocadas para acontecerem nesses espaços simbólicos de poder como, por exemplo, a Avenida Paulista, em São Paulo (símbolo do poder econômico), ou diante do Congresso Nacional, em Brasília (símbolo do poder político).

As manifestações políticas de rua são eventos simbólicos e expressam a força política e a capacidade de mobilização social de um grupo. Ao ocuparem determinados espaços urbanos, elas promovem um diálogo entre símbolos, entre o que representam as manifestações e o espaço urbano em que acontecem. Para travar esse diálogo, as manifestações utilizam linguagens artísticas como meio de expressão e, mesmo que efêmeras, alteram a relação das pessoas com o espaço, transformam o cotidiano e possibilitam uma nova leitura da realidade vivida. Assim como acontece com muitas expressões artísticas contemporâneas, como *performances*, *happenings* e intervenções em espaços urbanos; algumas exploram um local específico, intervindo e dialogando com a simbologia desse local. É possível perceber correspondências expressivas entre as manifestações políticas e as expressões artísticas contemporâneas, como, por exemplo, a manifestação popular pró-Dilma, ocorrida em Brasília, em março de 2016 e a obra dos artistas Christo e Jeanne-Claude, *Wrapped Reichstag*, de 1995, em Berlim (Figura 1).

Os dois eventos ocorrem em locais públicos, urbanos, específicos – em frente aos parlamentos dos dois países – e interagem de maneira crítica com a simbologia de poder existente nos espaços urbanos. Os eventos alteram o cotidiano daqueles locais, dialogam de forma crítica com a simbologia arquitetônica de poder, atraem uma multidão que participa das obras e vivencia uma experiência estética. Assim, os dois eventos adquirem, cada um à sua maneira, contornos de expressão política estetizada.

Em *Wrapped Reichstag*, em Berlim, a interferência é no elemento arquitetônico que, transformado e ressignificado, provoca a reflexão sobre o espaço urbano, seus

**Figura 1**

a) Manifestação pró-Dilma, Brasília, 2016



Foto: Valter Campanato/ABr/CP. Disponível em: <https://bit.ly/2Loiqd6>. Acesso em: 13 set. 2017.

b) CHRISTO e Jeanne-Claude – Wrapped Reichstag, Berlim, 1995



Foto: Wolfgang Volz. Disponível em: <https://bit.ly/2pj3zLO>. Acesso em: 13 set. 2017.

símbolos e sua relação com as pessoas. Já a manifestação em frente ao parlamento brasileiro, em Brasília, estabelece um discurso popular que confronta interesses políticos, utilizando linguagens artísticas que potencializam a objetividade e a subjetividade desse discurso, dando forma simbólica e estética ao conteúdo.

A estetização dos eventos políticos não é um fenômeno isolado. Na contemporaneidade, vivemos um processo de estetização do cotidiano que atinge todos os aspectos da vida. O capitalismo usa a estética como estratégia de *marketing* para atingir o mercado de consumo. A estética como ferramenta de sensibilização e de fomento de desejos está presente em todos os setores da economia: na moda, nos produtos de consumo, nas interfaces dos sistemas de comunicação, no lazer, no transporte, etc. Em seu livro *A Estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*, Lipovetsky e Serroy (2015) analisam que vivemos um momento de “superabundância ou de inflação estética” e que:

[...] estamos no momento em que os sistemas de produção, de distribuição e de consumo são impregnados, penetrados, remodelados por operações de natureza fundamentalmente estética. O estilo, a beleza, a mobilização dos gostos e das sensibilidades se impõem cada dia mais como imperativos estratégicos das marcas: é um modelo de produção estético que define o capitalismo de hiperconsumo. (p. 13)

Se a sociedade em que vivemos é a do “capitalismo artista” (LIPOVETSKY; SERROY, 2015) e a arte passa a estar presente em tudo o que produzimos, em tudo o que consumimos, em tudo o que realizamos, então está presente também na política, que se estetiza, se “artealiza”<sup>1</sup>. Esse raciocínio nos leva a considerar que, hoje, vivenciamos uma “política artista”, o que torna real a possibilidade de considerar as manifestações políticas de rua como manifestações artísticas. Estaria posicionada como uma arte urbana, com aspectos críticos e de contraposição às narrativas políticas pré-montadas e à simbologia dos espaços públicos, que interfere nas construções simbólicas e modifica as formas de produção de valores de uso nesses espaços, assim como os discursos e as formas de representação cultural neles sedimentados. Como nos sinaliza Pallamin (2002, p. 109) ao falar sobre a arte urbana:

A arte urbana como prática crítica, ao antepor-se a narrativas pré-montadas, percorre as vias de interrogação sobre a cidade, sobre como esta tem sido socialmente construída, representada e experienciada [...]. É desse ponto que deriva um dos aspectos de notado interesse na reflexão sobre seu vínculo com o espaço público, qual seja, sua possibilidade de ser, ao mesmo tempo, inflexão e espelhamento.

Em *Prácticas artísticas y democracia agonística*, Mouffe (2007) considera que arte é ação política no espaço público, espaço que é ao mesmo tempo discursivo e material, onde a arte pode interferir. A autora considera a arte como política no sentido de que “as práticas artísticas desempenham um papel na constituição e manutenção de uma ordem simbólica dada ou em sua impugnação” (p. 67).

As manifestações políticas de rua têm, ainda, outros aspectos correspondentes com as manifestações artísticas contemporâneas como, por exemplo, as *performances* (Figura 2). As manifestações políticas são ações efêmeras durante as quais se desenrolam múltiplas linguagens artísticas e a participação do público é fundamental. Uma forma de expressão heterogênea que ocorre num tempo e num espaço determinado. O hibridismo, próprio das *performances*, acontece no interior das manifestações políticas de rua pela utilização de várias linguagens artísticas e formas de expressão em ações artísticas realizadas por grupos ou pessoas. Essas ações transcorrem simultaneamente durante o percurso, como o teatro, a dança, a música, as instalações, os elementos tridimensionais, os cartazes, as faixas, o grafite, o corpo, o gesto, as cores, as vozes, os símbo-

**Figura 2**

a) Coletivo PI – Performance “Entre Saltos” – São Paulo – 2014

Foto: Eduardo Bernardino. Disponível em: <https://bit.ly/2J5jsry>.

Acesso em: 14 set. 2017

b) Manifestação feminista contra o PL 5069/2013 – São Paulo – 2015

Foto: O Cafezinho. Disponível em: <https://bit.ly/2IVMuuT>.

Acesso em: 14 set. 2015.

los gráficos, etc. As expressões artísticas se completam e dão sentido ao discurso crítico e à narrativa política da manifestação. Esse hibridismo é uma característica própria das *performances*, como afirma Santos (2007, p. 21):

Devido às suas características “emprestadas” das demais linguagens artísticas, a performance é, por natureza, uma arte multidisciplinar, uma arte de fronteira, podendo também ser definida como uma arte híbrida.

De acordo com Schechner (2003), professor e pesquisador do departamento de *Performance Studies* da *New York University*, a linguagem artística da *performance* ocorre na vida diária, como nos esportes, nos negócios, no sexo, nas brincadeiras etc. Para o autor, as funções da *performance* são:

[...] entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar, persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco (SCHECHNER, 2003, p. 39 apud SANTOS, 2007, p. 22).

Para Schechner (2003, p. 39 apud SANTOS, p. 22-23), “qualquer comportamento, evento, ação ou coisa pode ser estudado como se fosse performance e analisado em termos de ação, comportamento, exibição”.

Se a *performance* ocorre na vida diária, não seria nas manifestações políticas de rua que ela se ausentaria. Essas manifestações cumprem, ainda, várias funções da *performance* expostas por Schechner (2003): marcam uma identidade política, estimulam uma comunidade à crítica, propagam aspectos próprios da democracia, buscam persuadir e convencer a sociedade, ou parte dela, de seus argumentos políticos. Além disso, uma reflexão sobre os aspectos artísticos das ações que ocorrem nessas manifestações, no Brasil, pode estabelecer uma conexão entre a expressão estética dessas manifestações e as expressões artísticas da contemporaneidade.

### **O aspecto inclusivo e as múltiplas ações artísticas das grandes manifestações políticas**

Outra questão é o caráter inclusivo das manifestações políticas de rua. Previamente agendadas, elas buscam agregar o maior número possível de pessoas, assimilando expressões artísticas espontâneas.

Os elementos artísticos presentes nas manifestações políticas de rua são previamente concebidos e preparados por grupos ou pessoas que buscam nessas ações uma linguagem sedutora para dialogar com o público. Observam-se cartazes, produzidos manualmente ou impressos, que formam um grande mosaico visual, rico e caótico, e objetos tridimensionais simbólicos (Figura 3) ocupam lugar de destaque nas ruas, estetizando o discurso político. Grafites e pichações (Figura 4) são produzidas no percurso, deixando uma memória do evento no espaço urbano. Coreografias e músicas (Figura 5) dão ritmo às caminhadas e proporcionam um apelo visual e sonoro que envolve o público. Martins (2015) ao analisar a participação de “músicos ativistas” ou “ativistas músicos”, como define o autor, nas manifestações observa que:

Músicos que iam para as manifestações com seus instrumentos musicais acabavam por influenciar outros a reproduzir a prática e aqueles que eram influenciados se identificavam com o ato de fazer música no protesto. Essas identidades podem ser adquiridas, reconhecidas ou descobertas através de alguns mecanismos que levam o manifestante a se identificar com uma causa, algo que o faça tomar as ruas em um protesto político. Nesse caso é interessante observar a aplicabilidade da teoria da inteligência afetiva, que poderia explicar um motivador inicial para a descoberta de tais identidades. (p. 194)

**Figura 3**

Pato da Fiesp, símbolo do movimento pró-impeachment, SP/2016



Foto: Rovena Rosa/Agência Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/2XzGiB7>. Acesso em: 15 set. 2017.

**Figura 4**

Grafitas e pichações em manifestação contra o golpe – SP/2016



Foto: Editora Abril. Disponível em: <https://bit.ly/2L-mXRh4>. Acesso em: 14 set. 2017.

**Figura 5**

*Dança do impeachment*, música e coreografias criadas pelo grupo Consciência Patriótica.



Foto: arquivo BBC - Disponível em: <https://bbc.in/2XGwMfm>. Acesso em: 14 set. 2017.

O autor encontra em Gohn (2006) a explicação para a questão da identificação dos músicos com o grupo político:

Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, um espaço coletivo não-institucionalizado (GOHN, 2006, p. 251-252 apud MARTINS, 2015, p. 196).

Muitas ações performáticas expressivas (Figura 6) acontecem no roteiro das manifestações, algumas individuais e outras coletivas, que dialogam artisticamente com a temática da manifestação e com o público, de uma maneira lúdica.

As mensagens orais expressas nas manifestações são condensadas em frases curtas e ditas de maneira ritmada, o que leva os participantes a repeti-las como um jogral. Essas mensagens também são enfatizadas por elementos gestuais (Figura 7), criando força expressiva e a sensação de unidade, tanto aos que participam como aos que observam a ação. As linguagens teatral e circense (Figura 8) também fazem parte dos eventos, com grupos de atores caracterizados produzindo esteticamente conteúdos políticos.

**Figura 6**

Performance em manifestação pró-impeachment de Dilma Rousseff – RJ/2016



Foto: Mariana Bazo/Reuters. Disponível em: <https://bit.ly/2NowKFO>. Acesso em: 14 set. 2017.

**Figura 7**

Palavras de ordem – manifestação Feminismo em Marcha para Mudar o Mundo – SP/2013



Foto: Arquivo Levante RJ. Disponível em: <https://bit.ly/2FKlzAm>. Acesso em: 14 set. 2017.

**Figura 8**

Manifestação Cultura pela Democracia – RS/2016.



Foto: Guilherme Santos/Sul21. Disponível em: <https://bit.ly/2FICpzG>. Acesso em: 14 set. 2017.

A teatralidade das manifestações políticas vai ao encontro da noção de “teatro atravessado” proposta por Christophe Bident<sup>2</sup>, da Université de Picardie Jules Verne, que o qualifica dessa maneira:

É a visão puramente abstrata de um espaço de representação em que intervêm corpos e linguagens. Por conseguinte, esse teatro pode ter lugar, concretamente, em teatros, mas também em museus, casas, galerias, porões, armazéns, fábricas desativadas ou não, hospitais, tendas, centros comerciais, praças públicas, ruas, em no man’s lands, pedreiras, praias, rios, margens dos rios, barcos, ônibus, em estacionamentos, piscinas, banheiros, telas [...]

O teatro se encontrou assim atravessado, mais e mais, pelas outras artes (a mímica, a dança, o circo, a marionete, o vídeo, a escultura móvel ou industrial...), a ponto de criar categorias novas por concatenação (a dança-teatro, o teatro de objetos) ou por globalização (a performance) [...] (BIDENT, 2016, p. 51-52).

Outro elemento visual importante nas manifestações políticas de rua são as cores. Elemento estético sempre presente na política, nas manifestações ocorridas a partir de junho de 2013, elas reafirmam sua importância tornando-se um dos elementos visuais que mais marcaram a diferenciação dos campos políticos que disputaram as ruas do país: os amarelos e os vermelhos (Figura 9).

**Figura 9**

a) Manifestação pró-*impeachment* – BA/2016.



Foto: arquivo AMBL – BA. Disponível em: <https://bit.ly/2Lp41gS>. Acesso em: 14 set. 2017.

b) Manifestação pró-Dilma – BA/2016



Foto: arquivo CTB. Disponível em: <https://bit.ly/2xkQq1F>. Acesso em: 14 set. 2015.

**Figura 10**

Manifestação pró-impeachment – PE/2015



Foto: Wagner Oliveira/DP/DA Press. Disponível em: <https://bit.ly/2KRR8wa>. Acesso em: 14 set. 2015.

Como monumentos em pedestais, figuras emblemáticas (políticos, artistas, lideranças sociais) apresentam-se do alto de carros de som (Figura 10) realizando discursos e estimulando o público a repetir palavras de ordem. Buscam a participação e a reflexão do público e, com suas falas, dão o tom de unidade aos diversos conteúdos transmitidos pelo evento.

Esse grande conjunto de elementos estéticos forma um mosaico expressivo, rico em signos e significados de grande impacto sensorial. Assim como as *performances* artísticas, o ato se impõe sobre o cotidiano do local e cria uma nova vivência no espaço urbano. A multiplicidade de ações artísticas ocorridas nas manifestações políticas de rua reforça sua característica de ação artística híbrida.

A utilização de elementos artísticos na política não é uma novidade. A produção de cartazes serve como exemplo. A linguagem artística dos cartazes é um conhecido recurso utilizado na propagação de valores políticos e ideológicos, marcando diferentes períodos históricos com estilos e formas estéticas próprias. Como exemplo podemos citar a produção gráfica de artistas russos como El Lissitsky (Figura 11), no período da Revolução Russa, ou dos cartazes produzidos pelos artistas do Atelier Populaire (Figura 12) nas manifestações de maio de 1968, em Paris. Nas manifestações políticas de

**Figura 11**

LISSITZKY, El. Cartaz *Derrote os brancos com a cunha vermelha*, 1919



Fonte: <https://bit.ly/2LuProc>. Acesso em: 02 out. 2017.

**Figura 12**

ATELIER POPULAIRE. *Nós somos todos indesejáveis*. Paris, Maio 68



Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/2Jl59Q5>. Acesso em: 06 mar. 2018.

rua, ocorridas no Brasil a partir de 2013, percebe-se a preocupação com a composição visual na elaboração de cartazes e outros elementos visuais, como recurso estético para atrair, por um olhar empático, o maior público possível e propagar suas mensagens. Isso reafirma a ideia de Lipovetsky e Serroy (2015) do uso da estética como ferramenta de sedução nesse contexto que eles nomeiam de a era do “capitalismo artista”: estiliza-se o cotidiano com o objetivo de controlar a sociedade e manter o sistema dominante. A estetização das manifestações políticas de rua ocorre como resposta discursiva dentro do contexto da estetização e da “artealização” da vida a que se referem os autores.

Para compreender a profundidade do diálogo estético que se estabelece entre as manifestações políticas de rua e o público, por meio das linguagens artísticas, podemos proceder à análise a partir das categorias semióticas peirceanas<sup>3</sup>, o que nos fornece alguns elementos elucidativos. Na categoria da primeiridade, o observador pode impregnar-se com as cores, o volume da multidão, a percepção das ruas ocupadas, os sons próprios do evento, a cadência dos movimentos etc. Trata-se das qualidades de sentimentos. Na categoria da secundidade, as manifestações mostram-se como fatos reais, o reconhecimento de algo que insiste, de maneira singular, contrastando com o movimento coti-

diano normal das ruas: apresentam características próprias, possuem particularidades expressivas que se manifestam esteticamente dentro do grande ato. Na terceiridade, na qual há a inteligibilidade, ou seja, a compreensão dos signos e sua interpretação. Poderíamos assim enquadrar as manifestações em classes gerais: na classe de manifestações populares de rua, de cunho político. Dentro dessa classe, faz parte do gênero das manifestações estéticas, pertence à tradição de um determinado campo ideológico e, em certo padrão de crítica positiva ou negativa, às posições políticas pertinentes ao momento e ao contexto social e histórico. As expressões particulares presentes na manifestação poderiam ser classificadas em categorias, como de humor, de crítica, de reivindicação, ou ainda de gênero, de classe social, de categoria profissional ou muitas outras.

A soma das expressões estéticas, internas a essas manifestações, forma um conjunto que pode ser compreendido como uma mensagem geral, da mesma maneira como ocorre em exposições institucionais de arte, como a Bienal de São Paulo ou a Documenta de Kassel, em que a curadoria estabelece uma temática geral para a exposição e os diversos artistas convidados oferecem expressões artísticas em linguagem de sua livre escolha. Nessas exposições, o tema geral dá sentido e agrega os trabalhos artísticos apresentados, formando um grande panorama, além de orientar a percepção do público. Incerteza Viva, tema escolhido pela curadoria na 32ª Bienal de São Paulo, de 2016, serve de exemplo:

A 32ª Bienal de São Paulo - INCERTEZA VIVA se propõe a observar as noções de incerteza e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para abarcá-la ou habitá-la. [...] A incerteza na arte aponta para a criação, levando em conta a ambiguidade e a contradição. A arte se alimenta do acaso, da improvisação e da especulação. Ela dá espaço ao erro, à dúvida e cria brechas mesmo para as apreensões mais profundas, sem evitá-las ou manipulá-las. A arte se funda na imaginação, e apenas através da imaginação seremos capazes de vislumbrar outras narrativas para o nosso passado e novos caminhos para o futuro. (VOLZ; REBOUÇAS, 2016, p. 20-21)

Sob essa temática, a Bienal unificou o sentido geral que a curadoria desejava imprimir à exposição, construindo um discurso que potencializa a proposta temática que se desdobra em múltiplas realidades configuradas em cada proposta que, ao final, constituem uma provocação reflexiva para o fruidor visitante, como podemos observar nas Figuras 13 e 14.

**Figura 13**

FILIPE, Carla. Vista da instalação e performance Saloio, 2011



Foto: Pedro Magalhães e Susana Pomba. Guia, p. 41. Disponível em: <https://bit.ly/2JfT3Yh>. Acesso em: 04 mar. 2018.

**Figura 14**KRAJCBERG, Frans. Vista da instalação *Sem título (Gordinhos)*, s.d.

Fonte: Foto: Frans Krajcberg, Guia, p. 71. Disponível em: <https://bit.ly/2JfT3Yh>. Acesso em: 04 mar. 2018.

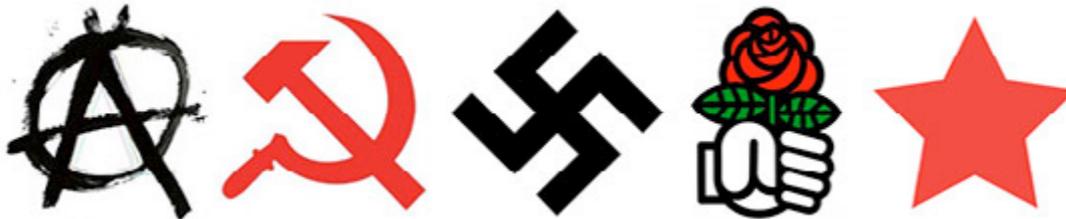
Da mesma forma, sob uma temática geral: Fora Dilma ou Fora Temer, dependendo da vertente política, as manifestações de rua agregaram um conjunto variado de expressões artísticas e deram o sentido único necessário para a compreensão de seus discursos políticos, além de provocarem a reflexão nos participantes e nos observadores.

Uma das diferenças que podemos assinalar entre as exposições institucionais de arte e as manifestações políticas de rua é que, nas exposições de arte, as expressões artísticas são selecionadas por uma curadoria que escolhe quem convidar e quais trabalhos serão expostos. Enquanto nas manifestações políticas a participação é voluntária, não havendo pré-seleção de quem participará ou do que ocorrerá durante o evento.

Nas manifestações políticas de rua, elementos estéticos de vários tipos são utilizados para provocar sensações e sentimentos no público. É também por meio desses elementos que o discurso político toma forma estética e constrói um diálogo com o público que os interpreta. A linguagem simbólica permite sintetizar uma grande gama de informações em elementos simplificados e de fácil assimilação. Além dos tradicionais símbolos gráficos da política, que representam partidos políticos, campos ideológicos, categorias profissionais ou classes sociais (Figura 15), muitos outros elementos simbólicos, trabalhados com linguagem artística, foram criados na esteira da estetização das manifestações políticas de rua, como o Pato da Fiesp (Figura 3) e o Pixuleco (Figura 16), que se tornaram referência e síntese do discurso de espectros políticos específicos.

**Figura 15**

Símbolos políticos tradicionais

**Figura 16***Pixuleco*, São Paulo, 2015Foto: Dário Oliveira/AE. Disponível em: <https://bit.ly/322Vc2g>. Acesso em: 15 set. 2017

O diálogo simbólico é fundamental tanto na arte como nas manifestações políticas de rua, pois, como assinala Santaella (2002, p. 39-41 apud WANNER, 2010, p. 109), “em termos da semiótica peirceana, é necessário que haja uma relação simbólica com traços indiciais, que dialoga com a classe dos interpretantes”.

O discurso político, assim como o da arte, é o discurso da realidade deste mundo estetizado, povoado de símbolos e marcas. As manifestações de rua são a face artística mais evidente da política, na qual ela apresenta seus argumentos de maneira estética, interagindo simbolicamente com a vida cotidiana das pessoas e passando a fazer parte dela. Para isso usa a linguagem deste mundo “artealizado”, a linguagem dos objetos cotidianos, da cultura de massas, das inúmeras interfaces artísticas a que as pessoas estão sujeitas no dia a dia.

Como o próprio Danto afirma, a arte contemporânea surge de uma aproximação com o cotidiano, com a estética do cotidiano – a estética da marca –, o que une arte e vida. (WANNER, 2010, p.171)

[...] (a arte) está concentrada no permanente discurso do “real” e na transposição do lugar comum para a arte, assim como na relação existente entre arte e teoria da arte, como possibilidade de determinar se alguma coisa pode ser considerada arte. (WANNER, 2010, p.170)

O discurso estetizado das manifestações políticas de rua busca um diálogo, mediado pela linguagem artística, com o cotidiano urbano e com a vida das pessoas, seus anseios, seus medos e suas alegrias, suas esperanças, seus sentimentos, sua subjetividade. Oferece ainda uma leitura crítica do mundo na qual as pessoas possam se encontrar enquanto sujeitos.

### **O registro das manifestações políticas de rua na linguagem da fotografia e do vídeo**

Além das expressões estéticas e artísticas que compõem o ato, outras abordagens artísticas são produzidas tendo como objeto as próprias manifestações. É o caso dos registros da ação em formato fotográfico e de vídeo. As manifestações são ações efêmeras, ocorrem em locais específicos e em períodos determinados de tempo, ao fim do qual se encerram. A fotografia e o vídeo, por sua vez, possibilitam perenizar as imagens dessa ação. Além disso, a divulgação dessas imagens pela mídia de massa amplia o alcance do conteúdo simbólico das manifestações para um universo de espectadores que extrapola os limites da cidade, alcançando, muitas vezes, o mundo todo.

(a fotografia) Embora passível de ser reproduzida em um número indefinido de cópias, cada superfície imóvel muda e ocupa um lugar que lhe é próprio em um álbum, moldura, jornal, revista, outdoor, um lugar que pode até mesmo durar no tempo. Essa estabilidade convida e permite a contemplação, a atenção demorada. (SANTAELLA, 2007 apud WANNER, 2010, p. 110)

Exercendo sua arte, o fotógrafo registra os acontecimentos reais, porém faz uma leitura pessoal de cada momento, tornando cada imagem produzida uma obra

que carrega sua própria personalidade. A fotografia produzida durante o registro das manifestações políticas de rua pode ser vista como uma imagem-manifestação, um ato em si, um ícone. O olhar do fruidor dessas imagens completa o ato do fotógrafo, dando sua interpretação ao que lhe é mostrado.

Com a fotografia, não nos é mais possível pensar a imagem fora do ato que a faz ser. A foto não é apenas uma imagem [...] é em primeiro lugar, um verdadeiro ato icônico, uma imagem, se quisermos, mas um trabalho, algo que não se pode conceber fora do jogo que a anima sem comprová-la literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e constantemente uma imagem-ato, estando compreendido que esse ato não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem (o gesto da “tomada”), mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação. (DUBOIS, 1994 apud WANNER, 2010, p.110)

Sem o pragmatismo do registro fotográfico e de vídeo diminui a possibilidade de reverberação do discurso político estetizado para além da própria manifestação, refletindo numa retração de sua capacidade de mobilização social. A fotografia e o vídeo, pela expressividade e pelas características próprias (reprodutibilidade), multiplicam as possibilidades de visualização das manifestações políticas de rua para além do espaço e do tempo em que acontecem.

Assim, a fotografia e o vídeo, como imagens-atos, ampliam os efeitos políticos das manifestações. Nesse ponto, é preciso ressaltar que os meios de comunicação não são atores isentos no jogo político, portanto, as imagens divulgadas por eles podem ser escolhidas de maneira a enaltecer ou criticar as manifestações, de acordo com interesses político-ideológicos, ou até mesmo, financeiros, desses grupos empresariais.

O registro fotográfico e de vídeo das manifestações assemelham-se ao registro de *performances* artísticas. Isso ocorre porque as *performances* artísticas e as manifestações políticas de rua, como já vimos, têm características semelhantes. A experiência estética vivenciada ao assistir uma *performance* não pode ser substituída por nenhum registro de imagens; mas sem esse registro ela só seria acessível a poucos indivíduos, não alcançaria um público maior. E por ser um ato, uma ação que ocorre num tempo determinado, passaria a estar definitivamente distante do tempo presente.

Com o registro fotográfico ou em vídeo, que possibilita sua reprodução, a ação permanece sempre presente, numa memória viva dos acontecimentos. Nas manifestações políticas de rua, a fotografia e o vídeo garantem a memória das ações, trazendo-as sempre para o presente, e sua reprodução em série nos meios de comunicação mantém viva sua força estética e política no tempo.

Multiplicando as cópias, elas transformam o evento produzido apenas uma vez num fenômeno de massas. Permitindo ao objeto reproduzido oferecer-se à visão e à audição, em quaisquer circunstâncias, conferem-lhe atualidade permanente. (BENJAMIN, 1975, p. 14)

Sem o registro fotográfico e de vídeo a experiência estética de uma *performance*, como as da artista Marina Abramovic (Figura 17), só seria possível estando presente em suas ações. A fotografia e o vídeo permitem a observação da *performance* e a percepção conceitual de sua intenção, ampliando o espectro de pessoas atingidas por sua ação e garantindo uma memória para as gerações futuras. Nas manifestações políticas de rua acontece o mesmo.

A fotografia e o vídeo não substituem a autenticidade das ações, mas, pelas suas características, são capazes de oferecer uma visão diferenciada dos eventos, colocando

**Figura 17**

ABRAMOVIĆ, Marina. *The Artist is Present*, 2010



Foto: Marco Anelli – Disponível em: <https://bit.ly/3o21kpo>. Acesso em: 16 set. 2017.

**Figura 18**

Ato pela democracia na Praça da Sé, São Paulo, 2016

Foto: Ricardo Stuckert/Instituto Lula. Disponível em: <https://bit.ly/2JfhC7R>.

Acesso em: 16 set. 2017.

em destaque aspectos que poderiam passar despercebidos para grande parte dos fruidores ou que só poderiam ser alcançados com o auxílio técnico dos equipamentos utilizados (Figura 18).

No caso da fotografia, é capaz de ressaltar aspectos do original que escapam ao olho e são apenas passíveis de serem apreendidos por uma objetiva que se desloque livremente a fim de obter diversos ângulos de visão; graças a métodos como a ampliação ou a desaceleração, pode-se atingir a realidades ignoradas pela visão natural. [...] Sob a forma de fotografia ou de disco permite sobretudo a maior aproximação da obra ao espectador ou ao ouvinte. (BENJAMIN, 1975, p. 13)

Nos dois casos, além do evento em si, a fotografia e o vídeo ainda carregam a visão de quem registra a imagem, o olhar próprio de quem a produz, uma estética que vai além do ato registrado: é o ato percebido. As novas tecnologias estão permitindo, diferentes formas de captação de imagens e criando novas linguagens, como as chamadas *selfies*<sup>4</sup> (Figura 19), em que o olhar de quem produz a imagem não está voltado apenas para o registro da manifestação, mas para a sua própria presença no ato. A *selfie* é um elemento estético da vida cotidiana, cada vez mais utilizado no registro de acontecimentos e manifestações públicas, políticas ou artísticas, e a sua reprodução se dá nas redes sociais.

**Figura 19**  
Selfie de manifestante pró-impeachment, SP, 2015



Fonte: Disponível em: <https://bit.ly/2xlOo37>.  
Acesso em: 16 set. 2017.

As fotografias e os vídeos situam-se, neste contexto, como elementos que agregam valor artístico e potencializam esteticamente o discurso político das manifestações.

### **Conexões com a arte contemporânea**

A arte contemporânea tem como uma de suas características o fato de ser inclusiva, ou seja, não faz restrições a qualquer tipo de linguagem artística. Pintura, *performance*, escultura, instalação, grafite, apropriações, colagens, *body art* etc., tudo cabe dentro de seu universo. As várias manifestações artísticas que ocorreram e se desenvolveram durante o século 20 e início do século 21 formaram esse caleidoscópio estético. Guimarães (2014, p. 259) observa que:

Na verdade, desde os anos de 1960 a pintura havia deixado de ser privilegiada como o veículo principal do desenvolvimento histórico da arte, passando a ser apenas um meio na disjunção aberta de práticas que definiam o “mundo da arte” e que incluíam a instalação, a performance, várias modalidades de mixed mídias, para não mencionar a arte da terra, a arte do corpo, o Minimalismo, o Fluxus, e mesmo “uma grande quantidade de artes outrora sarcasticamente estigmatizadas como artesanato”.

Nesse mesmo sentido Wanner (2010, p. 158) reflete que:

Ao aliar todo um conceito de contexto cultural à concepção de arte, a contemporaneidade traz consigo uma nova maneira de observar e refletir sobre a criação artística, e, no âmbito de seus territórios, ela reconhece como válidos os mais diversos meios de representação, desde os mais tradicionais até os inovadores que ganharam notoriedade, a partir dos anos 1960 e 1970.

A experiência estética propiciada pelas manifestações políticas de rua forma uma totalidade híbrida de elementos expressivos que dialogam com as formas artísticas da contemporaneidade.

De acordo com Guimarães (2014), Danto (2006) não via razão para considerar a pintura melhor do que qualquer outra forma de arte. As formas de arte praticadas a partir da década de 1960 não indicavam em que direção a arte se desenvolveria. Considerando a proposição de Danto (2006), não haveria razão para diferenciar manifestações estéticas de maneira a considerar que umas fazem parte do mundo das artes e outras, como as manifestações políticas de rua, não.

Independentemente do campo ideológico a que pertençam, essas manifestações se propõem a trabalhar, esteticamente, conteúdos políticos. Por meio de linguagens artísticas produzem um discurso catalizador que propicia a participação ativa dos indivíduos e a tomada de atitudes por parte da sociedade. Dessa maneira, elas podem estar dentro dos parâmetros colocados por Büttner (2002, p. 79) ao tratar da arte urbana:

A arte é uma linguagem altamente desenvolvida, que criou estratégias e processos diversos para transmitir conteúdos e atitudes. Já que ela foi capaz de explicar realidades complexas em séculos passados, poderia passar a ver hoje a sua missão mais nobre na tarefa de transformar indivíduos apolíticos e sociais em cidadãos comunicativos e responsáveis.

As manifestações políticas de rua, pela sua expressividade estética e hibridismo artístico, poderiam ser classificadas dentro do que Wanner (2010) considera como meios inovadores, visto que, no seu conjunto, carregam elementos já consagrados do mundo artístico e agregam elementos novos. Danto (2006) considera um erro filosófico negar a condição de arte a certas obras e avalia que a essência da arte requer a aceitação do pluralismo:

Os que têm se comprazido em negar a condição de arte a certas obras tendem a alçar um aspecto historicamente contingente da arte à condição de parte de sua essência, o que é um erro filosófico evidentemente difícil de evitar, sobretudo quando se carece de um historicismo sólido para combinar com o essencialismo. Em suma, o essencialismo na arte impõe o pluralismo, seja ele ou não, de fato, historicamente percebido. (DANTO, 2006, apud GUIMARÃES, 2014, p. 262)

Nesse sentido, as reflexões de Guimarães (2014) sobre as teorias de Danto (2006) nos levam à compreensão de que o termo “obra de arte” não pode ser restritivo, deveria abrir-se à possibilidade de abrigar expressões que se situam fora dos padrões normativos.

A perspectiva essencialista, portanto, não podendo se restringir a qualquer característica que seja histórica ou culturalmente contingente, teria que admitir uma extensão do termo “obra de arte” muito mais aberta do que qualquer definição contextualizada admitiria. (GUIMARÃES, 2014, p. 262)

A possibilidade levantada por Guimarães (2014), em sua análise das teorias de Danto (2006), de que, dentro da perspectiva essencialista, seria necessário admitir uma abrangência maior ao que pode ser considerado como “obra de arte” vai ao encontro da reflexão proposta neste artigo que é avaliar a possibilidade da expressão estética das manifestações políticas de rua ser considerada como expressão artística da contemporaneidade.

### **Considerações finais**

Diante das evidências apresentadas, poderíamos dizer que as manifestações políticas de rua apresentam elementos artísticos que se enquadram dentro de características da arte contemporânea. A experiência estética dessas manifestações constitui-se da vivência, dentro de um tempo e espaço determinado, de uma soma de linguagens artísticas, formando uma totalidade estética híbrida que dialoga de maneira crítica com os símbolos urbanos desse espaço e com o contexto social do entorno. Essas manifestações absorvem inúmeras expressões artísticas, que ocorrem simultaneamente durante o evento, transformando-as no que poderia ser chamado de eventos de *mixed art*.

Considerando a estetização do mundo conceituada por Lipovetsky (2015), que nos impõe viver numa realidade dominada pelo que ele chama de “capitalismo artista”, a política, como todos os outros aspectos da vida, passa por um processo de estetização, de “artealização”, transmutando-se numa “política artista”. Assim sendo, as manifestações de rua podem ser reconhecidas como sua face artística mais evidente, o que possibilita que sejam consideradas como manifestações artísticas. Não se deve descartar essa possibilidade, visto que, na contemporaneidade, a arte “reconhece como válidos os mais diversos meios de representação, desde os mais tradicionais até as inovações que ganharam notoriedade a partir dos anos 1960 e 1970” (WANNER, 2010, p. 158) e que “é de competência do observador fazer a distinção entre o que é real e o que é arte” (DANTO, 2006, p. 470 apud WANNER, 2010, p. 170).

A história da arte nos mostra que, em muitas ocasiões, novas formas de arte, que afrontavam a normatividade, foram criticadas e rechaçadas dos espaços institucionais da arte antes de serem aceitas e reverenciadas, abrindo caminho para que a arte se desenvolvesse e chegasse onde se encontra hoje. Hoje, a arte se abre para novos formatos, novos meios, novas linguagens e novas estéticas. Se na contemporaneidade nenhuma forma de arte é descartada, está aberta a possibilidade de olhar para as manifestações políticas de rua como expressões estéticas compreendidas dentro do universo contemporâneo da arte.

## Notas

1. Conceito elaborado por Lipovetsky e Serroy (2015) no livro “*A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*” para expressar a utilização que o capitalismo faz da arte para, por meio dela, aumentar as vendas e o lucro.
2. Bident anota que a noção de teatro atravessado, que ainda se encontra em processo de elaboração, foi “inventada” em comum acordo com José Da Costa.
3. Como explica Wanner (2010), pode-se analisar a arte pelas categorias da semiótica peirceana: primeiridade, secundidade e terceiridade. As quais ela define como: a primeiridade seria a parte icônica, aponta apenas para a sensação de contemplação, a sensibilidade pura. Quando o observador pode “impregnar-se das cores, das linhas, superfícies, formas, luzes, complementaridades e contrastes” (SANTAELLA, 2002, apud WANNER, 2010, pp.104-105). A secundidade seria a experiência de estar naquele momento diante de algo que se apresenta de maneira singular, com suas características particulares, reais. A terceiridade seria uma das classificações do signo (o símbolo), onde está presente o conhecimento. Não se trata mais apenas de qualidades apreendidas, nem de singularidades percebidas, mas de enquadrar o particular em classes gerais.

4. São chamadas *Selfies* as fotografias feitas com equipamentos móveis de comunicação (celulares) em que o “fotógrafo” registra sua presença nos ambientes que frequenta. As imagens das *selfies* são, normalmente, compartilhadas nas redes sociais.

## Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: BENJAMIN, Walter. *Textos de Walter Benjamin*. Tradução: José Lino Grünnewald. São Paulo: Abril, 1975 p. 10-34.

BIDENT, Christophe. O teatro atravessado. *Arj - Art Research Journal: Teatro em campo expandido*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p.50-64, jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/8504/6807> – Acesso em: 23 jan. 2018.

BÜTTNER, Claudia. Projetos artísticos nos espaços não-institucionais de hoje. In: PALLAMIN, Vera M. (Org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002 p. 73-102. Disponível em: [http://fau.usp.br/arquivos/docentes/vpallamin/cidade\\_cultura.compressed.pdf](http://fau.usp.br/arquivos/docentes/vpallamin/cidade_cultura.compressed.pdf) – Acesso em: 16 set. 2017.

CORTÉS, José Miguel G.. *Políticas do espaço: Arquitetura, gênero e controle do espaço*. São Paulo: Editora Senac, 2008. 215 p.

GUIMARÃES, Bruno. Liberdade, identidade e política na arte contemporânea: um diálogo com Danto. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.253-276, 31 dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=156> – Acesso em: 16 set. 2017.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTINS, Daniel Marcos. Música, identidade e ativismo: A música nos protestos de rua no Rio de Janeiro (2013-2015). *Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 2, p.188-207, dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/898>. Acesso em: 24 jan. 2018.

MOUFFE, Chantal. *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2007. 72 p.

PALLAMIN, Vera M.. Arte urbana como prática crítica. In: PALLAMIN, Vera M. (Org.). *Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002 p. 103-110. Disponível em: [http://fau.usp.br/arquivos/docentes/vpallamin/cidade\\_cultura.compressed.pdf](http://fau.usp.br/arquivos/docentes/vpallamin/cidade_cultura.compressed.pdf). Acesso em: 16 set. 2017.

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações. In: MARICATO, Ermínia et al (Ed.). *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013 p. 7-12.

SANTOS, José Mário Peixoto. *Os artistas plásticos e a performance na cidade de Salvador: um percurso histórico-performático*. 2007. 221 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

VOLZ, Jochen; REBOUÇAS, Júlia (Org.). *32ª Bienal de São Paulo: Incertezas Vivas: Guia*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. 212 p. Disponível em: <http://bienal.org.br/publicacao.php?i=3363> – Acesso em: 15 set. 2017

WANNER, Maria Celeste de Almeida. *Paisagens sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas*. Salvador: Edufba, 2010. 302 p.

## **Agradecimentos**

Miguel Cotrim é bolsista Capes para mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal da Bahia.

Recebido em: 19/09/2018

Aprovado em: 13/05/2019

Publicado em: 01/07/2019